

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

CENTRO DE HUMANIDADES

DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA E ANTROPOLOGIA - DSA

A MULHER NA IMPRENSA CAMPINENSE

1930 a 1960

POR

MARIA LUCINETE FORTUNATO

CAMPINA GRANDE - PARAÍBA

1986

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

CENTRO DE HUMANIDADES

DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA E ANTROPOLOGIA - DSA

A IMPORTÂNCIA DA MULHER NA IMPRENSA CAMPINENSE

1930 a 1960

POR

MARIA LUCINETE FORTUNATO

Monografia que apresenta à Banca examinadora, composta pelos professores, JOSEMIR CAMILO DE MELO (orientador), Eliete de Queiroz Gurjão Silva e Leonilia Maria de Amorim. Indicados pela comissão coordenadora da Disciplina, Projeto e Elaboração de Monografia do Curso de Bacharelado em História, em atendimento às exigências de conclusão de curso

CAMPINA GRANDE - PARAÍBA - 1986



Biblioteca Setorial do CDSA. Dezembro de 2022.

Sumé - PB

## SUMÁRIO

ASSUNTO	PÁGINA
1. Agradecimentos .....	04
2. Introdução .....	05
3. Capítulo I - Imprensa no Brasil: Uma Notícia Histórica .....	07
Notas .....	16
4. Capítulo II - A Mulher no Discurso da Imprensa. Notas .....	18 23
5. Capítulo III - O Discurso da Mulher na Imprensa (1930 - 1960) .....	25
Notas .....	31
6. Conclusão .....	33
7. Bibliografia .....	35

## AGRADECIMENTOS

Agradeço em especial à meu pai, Manoel Fortunato da Silva (in memoriam), que batalhou com dedicação durante toda sua vida, com o objetivo de proporcionar às condições necessárias para minha realização profissional.

A minha mãe, Maria de Lourdes G. Fórtunato, que na sua condição de mulher, me dedicou grande parte da sua vida com carinho e compreensão.

Ao amigo, prof. Josemir Camilo de Melo, que sem pre se mostrou sensível às nossas dificuldades, favorecendo-nos com a segurança de sua orientação.

A todos os Professores da Área de História da UFPB - Campus II, pela orientação carinhosa que nos dedicaram no decorrer do curso.

A todos os colegas que, no dia-a-dia batalharam conosco na luta pelo saber.

Aos funcionários do Museu Histórico de Campina Grande, pela assistência atenciosa no decorrer da pesquisa.

Finalmente, a todos aqueles que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização deste trabalho.

## INTRODUÇÃO

Nosso objeto de estudo é a Mulher na Imprensa campinense, e se fundamenta na necessidade de analisar a atuação da mulher e o tratamento que lhe tem sido dado pela imprensa.

Esta necessidade surgiu em decorrência da clara discriminação que se observa com relação à mulher, tanto nas relações sociais em que ela está inserida, quanto na posição familiar por ela assumida enquanto reprodutora e administradora do lar.

Tendo em vista que não há nada escrito sobre a atuação da mulher na sociedade campinense, principalmente no que se refere à imprensa, achamos por bem investigarmos, o período referente a 1930-1960.

Trata-se de um projeto conjunto com a companheira Rosângela M. A. Medeiros de Carvalho, sob orientação do professor Josemir Camilo de Melo, que nos incentivou a abordar etapas diferentes. Tratando-se do mesmo tema, portanto, a diferença é apenas de ordem cronológica e metodológica.

Escolhemos o período que vai de 1930 a 1960, porque é neste período que a mulher no Brasil ganha um certo espaço econômico, em decorrência do crescimento quantitativo das indústrias no processo de substituição de importações.

Também no campo político, é conferido à mulher o direito de votar (constituição de 1934). Resta saber se com isso ela adquire maior espaço na sociedade como um todo.

Trata-se enfim, de indagar se a mulher sofre discriminação ou se o papel por ela assumido na economia, ao penetrar no mercado de trabalho, lhe possibilita uma via de integração política e social.

Desejamos desenvolver uma análise, numa perspectiva histórica. Para tanto, utilizaremos como fundamentação Teórico-metodológica, o Materialismo Histórico e Dialético, visto que, a referida teoria não separa o objeto estudado da sua totalidade histórica e parte de uma realidade concreta.

A História é, no nosso entender, o resultado da produção e reprodução da existência humana pois, suas condições materiais determinam, em última instância, as condições sociais, ou seja, é a partir das relações sociais de produção desenvolvidas numa sociedade, que ela se caracteriza.

Partindo destes pressupostos, no primeiro Capítulo, tentaremos colocar um pouco da História da Imprensa no Brasil, na Paraíba e em Campina Grande, levando em consideração, a ligação existente entre o desenvolvimento da Imprensa e o Desenvolvimento do Capitalismo a nível mundial.

No segundo capítulo, trataremos do Discurso da imprensa sobre a mulher em Campina Grande, ligando-o à situação econômica da cidade, por entendermos que a ideologia difundida pela imprensa, é reflexo direto desta situação.

O terceiro capítulo, trata da participação direta da mulher na imprensa campinense, enfocando a sua colaboração, em busca de verificar a sua atuação política e social e se o seu discurso é feminista.

## I CAPÍTULO

## IMPrensa NO BRASIL: UMA NOTÍCIA HISTÓRICA

Uma análise da História da Imprensa Brasileira pressupõe uma série de fatores que a caracteriza; fatores estes, não apenas de ordem política e social, como também e, principalmente de ordem econômica.

Assim sendo, é mister fazer uma ligação profunda entre o desenvolvimento da Imprensa no Brasil e o desenvolvimento do capitalismo a nível mundial situando-o neste contexto. Fatores como estes aparecem claramente através da participação da imprensa no desenvolvimento da produção em massa e na abertura de mercados que para serem conquistados exigem a propaganda tornando clara a sua influência no comportamento dos indivíduos e a sua capacidade orientadora com relação à opinião.

Sabe-se que o capitalismo não se desenvolveu de maneira igualitária, nem simultânea em todas as sociedades, e que a divisão do trabalho se acentuou e diversificou com rapidez nas sociedades que se anteciparam neste processo, o que exigiu maior participação política e intelectual do povo, cujo aumento do padrão de vida ia propiciando o surgimento de uma condição burguesa e o seu consequente poder político.

Quanto às sociedades que se atrasaram com relação ao desenvolvimento capitalista, a situação foi bem diferente, ou seja, o padrão de vida foi se tornando cada vez mais baixo, a educação cada vez mais elitizada e a intelectualidade cada vez mais restrita.

Daí porque, Nelson Werneck coloca que: "A luta



pela rapidez e pela difusão, associando as alterações nas técnicas de impressão às que afetavam as comunicações e os transportes, modificou radicalmente o quadro em que a imprensa operava; nas primeiras áreas isso ocorreu depressa; nas segundas, muito lentamente" (1)

O desenvolvimento da imprensa foi marcado não só pela luta entre informação e opinião, mas também pela luta entre a opinião e a publicidade (propaganda organizada) e pela inovação técnica constante com o objetivo de obter maior eficiência e rapidez da mesma.

O Brasil, sendo considerado parte integrante dos países que se atrasaram no desenvolvimento capitalista, sofreu uma série de influências externas no desenvolvimento de sua imprensa, principalmente no que se refere a técnica pois, sempre se importou neste sentido, ou seja, sempre houve uma transplantação da técnica, como houve do comércio, da cultura, da educação, etc. na sociedade brasileira.

Sendo dependente de outros países para realizar-se e desenvolver-se nos mais diversos aspectos, o Brasil acabou possuindo também uma imprensa dependente e elitista, marcada desde o Império pela restrição no que concerne ao pensamento crítico.

É tanto que, a própria constituição de 1824, rezava por um lado, a liberdade de imprensa e por outro o crime de imprensa. Em 1891 a liberdade de imprensa é considerada um direito do cidadão, porém o anonimato é proibido e o crime de imprensa continua prevalecendo; já em 1934, a Constituição acrescenta o direito à resposta e a proibição de qualquer processo que subverta a ordem política e social. Em 1937, a "liberdade de pensamento" torna-se sujeita à censura prévia; e em 1949, a imprensa passou efetivamente, a ser colaboradora de forma jurídica do

Estado Autoritário. No que se refere à propriedade privada de empresas jornalísticas no Brasil, nas constituições de 1937 e 1946, esse direito é vetado aos estrangeiros e às sociedades anônimas. (2)

Partindo destes pressupostos, podemos compreender que, mesmo com o desenvolvimento do capitalismo, com o avanço da urbanização, com a ascensão da burguesia e a conseqüente ampliação da imprensa no Brasil através do livro e do jornal, esta se restringiu no sentido crítico, muito embora se possa assinalar no final do século passado, através do movimento republicano, que a imprensa tenha se proliferado e defendido abertamente, o fim da monarquia e a abolição da escravidão.

Diante desse quadro podemos colocar que a imprensa no Brasil passou por várias fases e sofreu diversas transformações. A imprensa colonial era uma pequena imprensa, artesanal e literária, que chegou a se utilizar até do cobre para impressão calcográfica. Depois da abertura dos portos foram aparecendo artífices e várias oficinas.

No período que se segue à Independência, vários foram os periódicos que surgiram em todo o Brasil em virtude do clima de tensão, surgindo assim as condições políticas para uma "imprensa periódica autêntica".

Quando do movimento constitucionalista, o Brasil possuía poucos jornais em circulação e a censura era bastante rígida. Mesmo assim a imprensa possuía papel de destaque na luta pela "liberdade", muito embora estivesse dividida (por um lado atuava a imprensa liberal e por um outro, a conservadora). "O período inteiro da independência à maioria, compreende duas fases: a que se encerra com o 7 de abril e a que se encerra com a maioria. Na

primeira, caracteriza-se um período conservador inicial, quando periga a própria independência, e um período liberal que leva à abdicação do 1º imperador; na segunda ao inverso, ocorre um período liberal inicial, a que se segue um período conservador coroado pelo golpe da maioria". (3)

Vale ressaltar aqui, a grande importância do pasquim, que aparece no Brasil, no período seguinte à Independência, sendo até a segunda metade do século, um importante instrumento de manifestação popular, chegando a ser considerado por Werneck Sodré, muito mais uma consequência do meio que da expansão da imprensa. O pasquim se caracterizava, em sua forma plebéia, pela virulência de linguagem e por possuir durante todo tempo, um conteúdo democrático.

A partir da segunda metade do século XIX, em decorrência das inovações técnicas, a imprensa artesanal vai se transformando em empresa - a princípio pequena, depois em grandes proporções - diminuindo assim, progressivamente, as possibilidades de surgimento de jornais individuais e extinguindo-se grande parte dos que aqui existiam, principalmente nas grandes cidades, interiorizando-os.

A passagem da "pequena imprensa" para a "grande imprensa", vai ocorrer no início deste século, como aspecto do avanço das relações de produção capitalistas e da ascensão da burguesia, mesmo que esta, politicamente, se encontre ainda debilitada.

A imprensa nesse período passa a retratar temas políticos de acordo com a visão das oligarquias da "Velha República", levando em consideração o caráter pessoal que assumiam as campanhas políticas, individualizando o endeusamento ou a destruição dos políticos, e consegue sobreviver à base do desenvolvimento do capital comercial.

Ainda neste período confunde-se, em sentido deplorável, jornalismo e literatura, o que em última instância, serve para estimular a polêmica, muito embora a alienação seja o traço dominante desta literatura, e isso corresponda às condições materiais brasileiras (é nessa fase que surgem as revistas ilustradas).

A imprensa proletária vai ganhar espaço com o aparecimento das organizações operárias do início do século XX e são de grande importância neste sentido os jornais anarquistas. Daí, a imprensa passa a assumir efetivamente um caráter classista.

Marcante também na primeira década deste século é a organização dos estudantes, que somada à organização dos profissionais jornalistas, vai denunciar essa nova etapa.

Quanto à imprensa burguesa, esta engloba a maioria do público da imprensa, que a influencia e é por ela influenciado de forma simultânea.

Nos movimentos de grande envergadura, como foi, entre outros, o caso de 1930, percebe-se que a imprensa consegue se impor, assumindo o apoio à situação de mudança desejada e liquidando com isso a imprensa conservadora.

Durante todo o Estado Novo, também a imprensa sofre sérias repressões, visto que, a censura a controla de forma sufocante, através do DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda) que chegou a baixar até listas de assuntos proibidos, ficando assim totalmente ausente a liberdade de pensamento na imprensa. Na década de 40, esta atingiu um alto grau de concentração e perdeu numerosos jornais e revistas, ganhando muito pouco novos. É aí que a imprensa atinge de forma real uma "etapa empresarial de enormes dimensões".

Essa etapa porém, é iniciada como crise: "Há e videntemente uma crise de imprensa em todo o mundo capitalista.... O Brasil atravessa uma fase de expansão capitalista, quando o capitalismo entra em acelerada decadência nas áreas em que mais cedo se instalou e desenvolveu. Essa de fasagem é que gera situações peculiares, oriundas também de outras condições".(4)

Essa crise que acompanha a imprensa até os nos sos dias, está ligada ao controle de opinião da imprensa e consequentemente da opinião pública, pelo "Imperialismo". Exemplo disso, é a "operação" publicitária que visou impedir a solução do monopólio estatal do Petróleo.

Com relação a este aspecto, Fátima Araújo o coloca muito bem quando afirma que: "Os países industrializados controlam o centro de produção dos países em desenvolvimento, enviando informações sobre mercados, forjando notícias sobre o mundo dos negócios. Desta maneira desencorajam os produtores de matérias primas, nos países receptores des sas mensagens, passando a imprensa a mercado noticioso do exterior". (5)

A Paraíba, não se encontrando isolada do resto do País, embora passe por um estágio de desenvolvimento heterogêneo com relação a outros Estados, considerando-se que mesmo a nível de Brasil, as relações capitalistas não avançaram de forma igualitária, vai sofrer também, uma série de diversidades no que concerne ao desenvolvimento da imprensa ao longo do tempo.

O primeiro jornal da Paraíba, surge já depois da independência política do Brasil, no ano de 1826, sendo impresso na "Typographia Nacional da Parahybá", se intitula "Gazetta do Governo da Paraíba Norte", pertencendo portanto à província de forma oficial. A primeira "Gráfica" particu

lar da Paraíba surgiu na década de 30 do século passado e pertenceu ao pernambucano José Rodrigues da Costa. Esta tipografia passou a chamar-se depois de "Beco da Misericórdia". (6)

Durante toda a monarquia, a Paraíba possuiu em média, 50 periódicos que assumindo um teor político-partidário variavam entre duas linhas: a conservadora e a liberal. (7)

Vários foram os jornais que possuíram vida curta durante a Monarquia por se distanciarem dos que detinham o Poder, criticando uma ou outra facção. Isto porque, perdiam o apoio dos dominantes e acabavam sem condições de sobrevivência.

Pode-se dizer que só durante a República, com o progresso dos meios de comunicação, é que a imprensa paraibana se desenvolve com maior perfeição, em decorrência da influência direta da imprensa do sudeste. (8)

Um jornal que merece destaque durante a República é "A IMPRENSA", que durante todo o Estado Novo sofreu a proibição da censura através do DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda), por ser considerado um jornal de idéias avançadas, só voltando a funcionar a partir de 1946 com a "abertura política do período de redemocratização". Isto nos faz crer que jornais paraibanos, ressurgiram depois de um certo tempo de desaparecidos, às vezes seguindo a mesma filosofia, às vezes até de forma diversa. (9)

Durante todo o Estado Novo, portanto, a Imprensa Paraibana foi coisa rara, em consequência de total repressão da liberdade de expressão na mesma, através da censura implacável. Esta imprensa porém, volta a se fortalecer, como no resto do Brasil, no período em que se registra a queda do Estado Novo e a ascensão do Estado Populista.

Com o término da 2ª Guerra mundial, as idéias de liberdade e a luta pelo direito de agir e pensar livremente foram se acirrando cada vez mais, tornando-se clara a necessidade de uma imprensa livre, que objetivasse esclarecer e fortalecer a luta do povo.

Foi então, que através da Campanha Nacional para a implantação da Imprensa do Povo, da qual participaram os diversos segmentos da sociedade brasileira, também a Paraíba conseguiu fundar o seu jornal popular: "O Jornal do Povo", que foi por muitos historiadores relegado ao esquecimento, mas muito contribuiu para a defesa dos interesses populares, sendo por isso boicotado economicamente e até empastelado após a decretação da ilegalidade do PCB. Mesmo assim, foi conseguido um novo equipamento e o jornal continuou a funcionar de forma clandestina até 1954. (10)

Com relação ao Interior da Paraíba, observa-se que na década de 1860 Mamanguape já possuía 3 jornais e na década seguinte, assinala-se a presença de um jornal em Areia. Em Campina Grande, a imprensa só aparece no final do século, quando do movimento republicano. (11)

O primeiro jornal campinense data de 1888, se intitula "Gazeta do Sertão", e é fundado por Irineu Joffily e Francisco Retumba. Defende os ideais Republicanos e Federativos, seguindo uma linha democrática que possui como base a defesa dos oprimidos. É portanto, um jornal crítico, que vai acabar sendo amaldiçoado pelo clero e escamoteado pelo poder local, o que não o fez perder sua combatividade. (12)

A imprensa campinense vai se desenvolver em termos quantitativos, após a proclamação da República e mais precisamente, após a inauguração da Estrada de Ferro em Campina Grande, que muito melhorou o nível de comunicação. "A ligação Campina Grande - Recife fazia seus efeitos

O trem trazia o jornal, para ficar. A prova é que na década antes do trem (1898-1907) só surgiu um jornal e na imediatamente posterior, nada menos de 11 jornais apareceram". (13)

Nas primeiras décadas do século XX, Campina Grande possuiu em média 24 jornais, entre os quais merece destaque "O LIDADOR", que segundo Fátima Araújo, surgiu em 1922 e foi o primeiro jornal classista da Paraíba, que tinha como meta a defesa dos interesses dos comerciários.

De 1930 a 1960, cerca de 39 jornais apareceram em Campina Grande, desde jornais estudantis, esportivos e religiosos, até jornais reivindicatórios, sendo merecedores de destaque entre eles, os seguintes: BRASIL NOVO, fundado em 1931 por Tancredo de Carvalho. Por se tratar de um Jornal defensor dos anseios populares, reivindicava mudanças radicais para o País, tais como: a necessidade de uma Constituição, redemocratização, etc. ; EXTRA, jornal fundado em 1934, conhecido como o primeiro jornal campinense que registra em sua direção a participação da mulher. TRIBUNA DA PARAÍBA, fundado em 1953 foi o primeiro jornal campinense composto em linotipo ; DIÁRIO DA BORBOREMA, conhecido primeiramente como Diário Associado, mantém-se em circulação até hoje e muito contribui para a pesquisa histórica, principalmente local. (14)

Quanto à imprensa essencialmente operária, Fátima Araújo registra em Paraíba Imprensa e vida durante o período que analisaremos: A BATALHA (1934) e A VOZ DO DIA (1945), que têm como proposta a defesa do proletariado e a crítica ao sistema.

Além destes dois, Epitácio Soares acrescenta, como jornais essencialmente políticos: O REBATE (1932); AEC JORNAL- Associação dos Empregados no Comércio (1933); A FRENTE - jornal dos sindicatos locais (1934); A BATALHA, jornal comunista (1934); DIÁRIO DA UDN (1946) e o JORNAL DE CAMPINA, da UDN (1952). (15)



## NOTAS

1. Nelson Werneck Sodré - História da Imprensa no Brasil - página 03.
2. IDEM - páginas 99, 100 e 101.
3. IDEM - página 98.
4. IDEM - página 450.
5. Fátima Araújo - História e Ideologia da Imprensa na Paraíba - página 63.
6. IDEM - páginas 67 e 70.
7. IDEM - página 7.
8. IDEM - página 74.
9. IDEM - página 78.
10. João Batista Barbosa - Santa Cruz e o Jornal do Povo - Uma contribuição à história das lutas sociais na Paraíba, páginas 110 e 111.
11. Fátima Araújo - Paraíba Imprensa e Vida - páginas 80, 98 e 113.
12. José Jóffily - Entre a Monarquia e a República - Idéias e Lutas de Irineu Jóffily - páginas 117, 122 e 123.
13. Josemir Camilo - História da Imprensa - Jornal da Paraíba, Campina Grande, 14.11.86 - página 02.
14. Tancredo de Carvalho - Memórias de um Brejeiro - páginas 52 e 53.

- Fátima Araújo - Paraíba Imprensa e Vida - páginas 87 e 92;
  - Josemir Camilo - Da importância de ser DB (Diário da Borborema - Campina Grande, 02.10.85) - página 4; Um Certo Jornal, Diário (Diário da Borborema - Campina Grande, 02.10.86) - página 4.
15. Epitácio Soares - História da Imprensa Campinense - Diário da Borborema, ano I, nº 1 - 5º caderno - Campina Grande, 02.10.57 - página 03.

## II CAPÍTULO

## A MULHER NO DISCURSO DA IMPRENSA

Para tratarmos do discurso da imprensa sobre a mulher em Campina Grande, sentimos a necessidade de, antes, fazermos um pequeno esboço sobre a situação econômica do município, sem isolá-lo da região, e sua importância para o desenvolvimento da imprensa campinense, por entendermos que a ideologia difundida pela imprensa é o reflexo direto dessa situação.

Sendo assim, convém salientar que a Paraíba durante o período analisado assume o papel de "região satélite" do centro sul, servindo de mercado consumidor de produtos manufaturados por um lado, e fornecendo mão-de-obra barata e capital, por outro. Campina Grande durante este período possui uma estrutura produtiva basicamente agrária, visto que o algodão representa nas décadas de 30 e 40, a sua maior fonte de renda. É tanto que o Estado da Paraíba durante toda a década de 30, é considerado o maior produtor do Nordeste, região que era então, maior produtora de açúcar e algodão do País. (1)

A agricultura é desenvolvida em decorrência da construção de novas estradas entre 1950 e 1960. Outros setores acabam também se expandindo em decorrência da concentração da produção algodoeira: "No comércio em grosso predominavam secos e molhados, tecidos, fibras e miudezas, sem falar nas peças de automóvel. Era um comércio de entreposto e intermediarismo.... No comércio varejista predominavam as lojas de tecidos, os armazéns e as mercearias... o comércio varejista era demonstrativo da interdependência que existia entre a cidade e o campo.... Feira, uma das maiores

da região, atendia às necessidades de compra e venda de uma vasta população de municípios vizinhos à Campina Grande... constituindo um meio de vida para muitas famílias de nível médio e pobre". (12)

Sendo bastante clara a precariedade da indústria na Paraíba e a insignificância do contingente operário até a década de 40, percebe-se enfim, o caráter artesanal da sociedade que se estrutura de forma patriarcal, onde a mulher possui apenas a função de "administradora do lar" e quando muito, professora. Até a função que ela assume na produção agrícola e depois, no comércio e na indústria, como operária, não lhe tira essa carga, levando-a a uma dupla jornada de trabalho.

Diante desse quadro, o discurso da imprensa campinense no que se refere à mulher, entre 1930 e 1960, é muito restrito, ou seja, não se observa uma preocupação direta da imprensa com relação à questão da mulher, só havendo, portanto, um tratamento indireto neste sentido. Não se verifica necessariamente, uma referência, em todos os jornais pesquisados.

Na década de 30, os jornais tratam da mulher no que se refere, por exemplo, a concursos de miss; o que não sendo um grande passo, já é um avanço com relação à década anterior na qual, segundo José Jóffily, um concurso de beleza era motivo de escândalo, apenas pela ameaça do uso de um "maillot". Afora isto, observa-se ainda, artigos que tratam de brigas de mulheres com ciúmes dos maridos e de mães solteiras que abandonam o recém-nascido, como foi o caso do "Estranho achado da pensão moderna"; editorial publicado no Jornal Brasil novo, que torna público o fato de uma mãe ter colocado um recém-nascido na referida pensão, ainda com cordão umbilical e sem nenhuma proteção. Faz um elogio às meretrizes que o acolheram, no sentido de atentarem para a

maternidade e adotarem a criança. (3)

Com relação ao trabalho para a mulher, não há nenhuma referência, há apenas, propagandas de cursos de corte e costura por correspondência, onde o jornal "O Clarim" coloca a profissão de costureira como "a mais útil para senhoras e senhoritas". (4)

Entre 1940 e 1960, a mulher tem um tratamento que não diferencia muito das décadas anteriores, mas já aparece como telefonista, muito embora fique claro que este é um trabalho especificamente de mulheres. Já se assinalam também, comentários críticos de filmes, como é o caso dos comentários de Mário Coelho, no Diário da Borborema, com relação aos filmes: "O anjo e o pecado", onde ele defende que o filme é mais para ser entendido que visto pois, trata-se de uma jovem que casada não resiste a um impulso sexual por um outro homem. Ele tenta mostrar que embora pareça, o filme não é imoral, e agradece por essa aparência a um público restrito; e "Desfalhando a Margarida", comédia francesa onde a atriz principal participa de um concurso de nudismo. Ele defende que sua participação dá-se por força das circunstâncias e defende a tentativa de moralizar a moça, na sua terra natal, no final do filme, como um sinal evidente de que lá existe "moral". (5)

Como se vê, há uma preocupação de defender a "reputação" da mulher dentro do filme, a fim de moralizá-lo; o que aponta, apesar do avanço para o momento, o machismo existente na nossa sociedade.

O Diário da Borborema, torna mais frequente a partir de 1957, quando sai às ruas, a notícia sobre a mulher, mesmo sem se ligar de forma direta à questão. Essa frequência deve-se porém, ao fato do jornal ser diário e

já se ter um maior número disponível para pesquisa.

Assim, já se percebe, no final da década de 50, ainda com relação ao "concurso de miss", a participação de Sociedades recreativas na sua promoção, e já aparecem certos pré-requisitos para o direito de candidatar-se. Entre eles, merece destaque a questão da "reputação e moral ilibada" e de "ser solteira". Ainda acerca da "moral", assinala-se o poema "Mulher perdida", que trata da prostituição da mulher, como algo asqueroso e imoral. Até nas propagandas de consultórios odontológicos, em pleno 1958, especificava-se que o atendimento é para mulheres e crianças. No caso, era uma dentista. (6)

No encerramento das aulas do Centro de Treinamento Doméstico de Fagundes, em janeiro de 59, o professor da "Escola de Agronomia do Nordeste", Dr. Silvino de Oliveira, então paraninfo da turma, profere um discurso que é publicado, onde ele ressalta "com felicidade", o papel que à mulher está confiado para valorização e recuperação da vida rural (7). Nem neste momento, o Diário da Borborema aproveitou para lançar um edital, ou qualquer comentário que aprofundasse a questão.

No ano de 1959, o Diário da Borborema, traz um artigo com o título "A revolução das mulheres", título bastante promissor, mas que em essência, não tem nada a ver, pois trata-se de uma organização de oposição ao então governador do Rio Grande do Norte, que ficou assim denominada, por só ter saído nomes de mulheres na abertura do processo que ia apurar o caso. Ao final, aparece bem claro que o chefe da referida "revolução" é um homem (Djalma F. Marinho). (8)

Num artigo que se intitula "Falemos de Mulher", aparece pela 1ª vez a questão da igualdade ou superioridade

do sexo feminino: No Diário da Borborema de 22.02.59, em sua 2ª página, Silva Melo defende que a superioridade do se xo feminino é um fato, do ponto de vista orgânico, da vida e da saúde. Quanto a capacidade intelectual ele tenta pro- var, seguindo o pensamento de Castilhos Goyscochêa em seu "capítulo de ciência e filosofia", que algumas mulheres se tornam célebres pela sua inteligência, preparo científico, cultura, etc. e termina colocando o fato de o Brasil pos- suir uma mulher "embaixadora" (em Israel): Drª. Odete de Carvalho e Souza. (9)

Não cremos porém, que seja necessário uma preo- cupação no sentido de comparar, de forma genérica e até com- petitiva, como parece, a potência física ou intelectual, do homem e da mulher. Para nós, essa preocupação devia ocor- rer no sentido de valorizar a função econômica, social e po- lítica da mulher na sociedade brasileira, função esta, que longe de ser complemento, é parte integrante do processo de desenvolvimento desta sociedade.

Bastante comum também nos jornais, são as notí- cias com relação a estupro, onde a mulher sempre aparece co- mo vítima e o homem como monstro.

Interessante é a presença marcante dos almana- ques de Campina Grande de 1933 e 1934, que deu espaço para a atuação intelectual da mulher, apesar do machismo que se mostra por outro lado, abertamente, como é o caso da anedo- ta "o divórcio", em que a mulher vai se queixar do juiz do "tratamento de cadela" que recebe do seu marido, que a faz trabalhar igual a um cavalo; ao que o juiz sugere que ela procure a associação protetora dos animais. (10)

## NOTAS

1. Eliete de Queiroz Gurjão Silva - O Poder Oligárquico na Paraíba: Descontinuidade e Recriação (1889-1945), Vol. II, Campina Grande - 1985 - páginas 235-241.
2. Martha Lúcia Ribeiro Araújo - Campina Grande - Poder local e mudança Nacional (1945-1964) - Campina Grande - 1985 - páginas 129-130.
3. Brasil Novo - Ano I, nº 1 - Campina Grande, 10.01.1931  
IDEM, nº 7 - Campina Grande, 21.02.1931;  
IDEM, nº 8 - Campina Grande, 02.02.1931;  
José Jóffily - A Importância da Mulher na Imprensa campinense (1930-1960) - Carta aberta a Maria Lucinete - "A União" - João Pessoa, 28.10.86.
4. "O Clarim", ano XXX, nº 28 - Campina Grande, 02.03.35.
5. Diário da Borborema, Ano I, nº 49 - Campina Grande, 01 de dezembro de 1957 - página 01;  
IDEM, nº 84 - Campina Grande, 15.01.58 - página 7;  
IDEM, nº 92 - Campina Grande, 24.01.58 - página 7.
6. Diário da Borborema - Ano I, nº 92 - Campina Grande, 24 de janeiro de 1958 - página 8;  
IDEM, nº 221 - Campina Grande, 05.07.58 - página 7;  
IDEM, nº 238 - Campina Grande, 25.07.58 - página 4;  
IDEM, Ano II, nº 421 - Campina Grande, 13.03.59 - Pg 8
7. Diário da Borborema - Ano II, nº 364 - Campina Grande, 01.01.59 - página 8.
8. Diário da Borborema - Ano II, nº 393 - Campina Grande, 29.01.59 - página 4.
9. Diário da Borborema - Ano II, nº 422 - Campina Grande, 14.03.59 - página 01.



10. Josemir Camilo - A Mulher na Imprensa - Jornal da Paraíba - Campina Grande, 28.11.86 - página 2.

## III CAPÍTULO

O DISCURSO DA MULHER NA IMPRENSA  
(1930 - 1960)

A mulher aparece na imprensa campinense, no período que transcorre entre 1930 e 1960, basicamente como poetisa romântica, principalmente nas duas primeiras décadas em estudo, embora venha aparecer também como contribuinte de cunho político, uma vez ou outra.

No Jornal Brasil Novo, que surge na década de 30, aparecem poemas femininos que ligam, por exemplo, a inspiração, a um dom destinado por Jesus, e a morte, a um encontro com Deus. Isto mostra a forte ligação existente entre a mulher e a Religião; o que se explica entre outros fatores, por ser a Igreja um dos poucos lugares frequentados regularmente pela mulher. (1)

Observam-se também, poemas que tratam da criança faminta, pedindo para alimentá-la, e colocam a noite como um "suave enlevo que me possibilita um solitário gozo". Esses poemas porém, não colocam a questão do menor abandonado de forma clara, se limitando apenas ao protecionismo. (2)

Por outro lado, ainda na década de 30, assinala-se, no jornal acima referido, um artigo de autoria de Fanny Guedes Pinheiro, que aparece como "Contribuição Feminina e se intitula "João Pessoa consolando à Paraíba". A autora vê João Pessoa sob um prisma paternalista, na medida que, não se ligando à questão política, coloca-o como um pai perdido com muito pesar. (3)

Já no primeiro aniversário da morte de João Pessoa, publica-se, no mesmo jornal, um poema de Iracema Marinho que se intitula "Pranto da Terra Mãe", no qual, ao homenageá-lo, a autora se coloca como a Paraíba, que chora a falta de um filho muito amado, sem colocar em foco, a questão política. (4)

No almanaque de Campina Grande de 1933, observa-se a presença da mulher como charadista e poetisa, merecendo destaque o poema em prosa "Eu e Você" de Martha Holanda, que num dado momento afirma: "Você é o amante indiferente que retarda, e eu a amorosa impenitente que antecede". Como se vê, já é um poema um tanto avançado pois, a mulher aí está tornando público, a sua ação antecipada no amor; o que para uma sociedade machista, como a nossa é, até então, considerado imoral, visto que, é convencional a mulher esperar que todas as atitudes partam do homem. Até nos bailes, ainda hoje ocorre com frequência, a mulher espera que o homem a convide para dançar. (5)

Interessantíssima é a participação de Iracema Marinho, que chega a ser homenageada pela crítica paulista, figura considerada, em nossa pesquisa, como a mais ativa colaboradora do período, no almanaque de Campina Grande de 1934, onde, escreve um artigo intitulado "Pingos de Tinta", considerado pelo prof. Josemir Camilo por demais feminista para o momento. Merece ser transcrito em diversos momentos mas, destacaremos apenas os que mais nos interessam: "... Uma jovem muito linda, mas de pais paupérrimos, é como um pedaço de doce posto no chão ao lado de uma criança qualquer, ainda que o doce esteja imune de germens, não há quem o queira provar..." (6).

Nesse momento a autora retrata de forma irônica, e perfeita, a sociedade capitalista em que vivemos, na qual o casamento é considerado na maioria das vezes, um investi-

mento financeiro, sendo relegado a um segundo plano a importância do amor e da boa relação entre os cônjuges. "... Porque certos homens praticam com evidente delícia o esporte da dança e não consentem absolutamente que sua esposa e filhos façam o mesmo?. Naturalmente porque não gostam de pensar que nelas seriam aplicadas as mesmas licenciosidades que eles praticam nas outras". (7)

A autora enfoca, de cheio, a questão do machismo, tentando criticá-lo em seu ponto mais fraco, que no nosso entender está na falsidade do seu comportamento, dentro e fora da família. Esta contradição é sempre observada, nos homens: as mulheres de casa são sérias e intocáveis, mas as mulheres da rua estão abertas a tudo. "... A mulher que se casa a segunda vez, é como o porco que, à força de viver preso, se habitua, e, ainda que posto em liberdade, não vai mais longe e anseia por volver a se atolar na lama do chiqueiro!" (8)

Por aí se percebe o avanço no pensamento da mulher, que atua de forma inovadora, tentando mostrar que, para ela o casamento é uma prisão e que quando a liberdade é conquistada, não vale a pena voltar a ser prisioneira.

Além de colocar questões como as que acabamos de abordar, a autora, analisa de forma um tanto sarcástica a questão do status e do poder: "Que é o Cemitério? A grande estribaria, onde, finalmente, os nobres cavalos vêm se reunir aos humildes jumentinhos (os mesmos que eles, espancaram com coices e patadas quando, por infelicidade, se atravessaram na sua frente!). E a caveira? Essas que rolam a t<sub>o</sub>a pelo chão do cemitério, ziguezagueando de contínuo aos pontapés dos imbecis que vão lá? A caveira do pobre em suma!.... Repararam em como ela se empenha por ostentar num esgar irônico, a sua eterna dentadura? Ah! É que a ela, finalmente, chegou a vez de rir-se perdidamente, porque, enfim, aos nobres

da terra também chegou a ocasião de experimentar o mesmo lo do que o pobre, afinal, já estava acostumado a lamber".(9)

Existe um verdadeiro entendimento da autora com relação às diferenças sociais e, ela se posiciona abertamente, em favor do pobre; posição esta, que no nosso entender é óbvia e necessária. "... E a caveira do nobre?... Quem a vê? Qual! A mísera, afinal de contas, ainda resta um pouco de brio e de pudor. Ela está bem escondida no mausoléu com vergonha de ver a sua miséria exposta aos olhos do público, principalmente daqueles que em vida a conheceram cobertas de pós e de pinturas, (se for mulher ...)" (10).

Fica bastante claro, o interesse de colocar que, apesar de não se igualarem na vida em decorrência do poder aquisitivo, farto para uns e fraco para outros, todos acabam numa situação de igualdade, muito embora, ainda fique visível através das diferenças do "mausoléu", as diferenças sociais.

O texto prova que a mulher já possui uma certa criticidade em relação à sua formação social e aos tabus que lhe são impostos, o que muitas vezes, ela pode até não externar, por lhe ser negada esta oportunidade.

No jornal "O Clarim", (1935) não se encontra nenhuma participação ativa da mulher, ela simplesmente não a parece como colaboradora - pelo menos nos números pesquisados. Observa-se a participação de mulher, apenas em propagandas de centros espíritas, em suas direções, onde ela assume funções como: secretária, zeladora e bibliotecária. (11)

A mulher marca presença também nas revistas como, por exemplo, na "Ariús" (anos 50), onde se assinalam poemas invocando a saudade em homenagens póstumas; ou colocan

do o problema do menor abandonado, demonstrando o desejo de um mundo melhor, como é o caso do poema "Noturno" de Iracema Marinho. Outros poemas tratam a sociedade como coisa indecente, obscena e injusta para a moral cristã, como em "Crucifica-o Crucifica-o" de Eudésia Vieira, onde ela alega que, a justiça ocorrerá posteriormente pois, "Deus não se apressa e faz tudo bem". (12)

Com o surgimento do Diário da Borborema, a mulher passa a colaborar na imprensa com mais frequência: Maria de Lourdes A. Ribeiro (esposa do historiador e jornalista Hortêncio Ribeiro), publica uma carta sob o título "Campanha Meritória", na qual, ela tenta responder ao artigo "Paraíso dos Mendigos são as ruas de Campina", publicado anteriormente, esclarecendo a função de "Casa da Criança João Moura". Coloca-se a favor da campanha meritória em prol da mesma opinando que, "deve surgir um órgão que reedue e reajuste as crianças abandonadas, atendendo-as com métodos adequados". (13)

É importante aí, a preocupação da mulher com relação ao menor abandonado e, mais ainda, a sugestão dada na tentativa de solucionar o problema.

Merecedor de destaque também, é o artigo transcrito pelo Diário da Borborema, que se intitula "Gabriela Mistral e a Bíblia" onde ela, Prêmio Nobel de Literatura, descreve a felicidade, inovação e sabedoria que sente ao se familiarizar com a Bíblia: "Canção de berço dos povos, eterna matriz com candura e sabedoria, eu preciso de ti para sempre, não me abandones!". (14)

Em determinados dados, vê-se claramanete a situação de repressão que paira sobre a mulher, tornando-a as vezes, até mentirosa para encobrir o que realmente sente. Prova disto é o poema de Claudinete dos Santos que possui o tí-

tulo "Sou Feliz", e no qual ela afirma ser uma sofredora, mas que tem de "sufocar o pranto e viver de mentiras, afirmando ser feliz". (15)

Ainda no Diário da Borborema, Martha Dutra publica o artigo "Duas Caras" que trata do nacionalismo como sendo: "... Trabalhar para produzir riquezas para o Brasil elevando o nível de vida do povo... Trabalhar numa usina como Cubatão, Paulo Afonso e outras... Os pioneiros da energia elétrica no Brasil são verdadeiros nacionalistas... Wisky é bom com água de côco, pois, embora o primeiro seja importado, a combinação é natural". (16)

Como se vê, não existe na autora uma clareza do que seja realmente o nacionalismo. O artigo parece satírico e não contribui muito para a questão em enfoque.

Afora esta participação direta da mulher na imprensa, é importante ressaltar enfim, a presença desta na "Coletânea de autores campinenses", editada no Centenário de Campina Grande, onde aparecem as seguintes autoras: HELOÍSA BEZERRA, que é apresentada como poetisa de estilo romântico que muito colaborou nos jornais locais, principalmente "O Correio de Campina"; IRACEMA MARINHO, que aparece como poetisa romântica em princípio, e missionária espírita nos dias contemporâneos; MARIA DO CARMO ARAÚJO LIMA, como poetisa e orientadora escolar de importante colaboração em jornais locais e SELMA VILAR que é apresentada como poetisa e bancária, de grande contribuição na imprensa local. (17)

## NOTAS

1. Brasil Novo - Ano I, nº 1 - Campina Grande, 10.01.31 -  
página 03;  
· IDEM, nº 6 - Campina Grande, 14.02.31 - página 03.
2. IDEM, nº 3 - Campina Grande, 24.01.31 - página 03;  
IDEM, nº 4 - Campina Grande, 28.02.31 - página 03.
3. IDEM, nº 27 - Campina Grande, 26.07.31 - página 03.
4. IDEM, nº 32 - Campina Grande, 29.08.31 - página 14.
5. Almanaque de Campina Grande - Campina Grande, 1933 -  
página 129.
6. Josemir Camilo - A Mulher na Imprensa - Jornal da Paraíba,  
Campina Grande, 28.11.86 - página 02;  
Almanaque de Campina Grande - Campina Grande, 1934 -  
página 104.
7. IDEM, IDEM.
8. IDEM, página 105.
9. IDEM, IDEM.
10. IDEM, página 105-106.
11. O Clarim - Ano XXX, nº 29 - Campina Grande, 09.03.1935 -  
pagina 4.
12. Revista Ariús - Ano I - Campina Grande, 10.10.52 -  
página  
IDEM - Ano II, Vol II, nº 2 - Campina Grande, agosto de



de 1953 - página 39;

IDEM - Ano III, nº 5 - Campina Grande, janeiro de 1955  
página 33.

13. Diário da Borborema - Ano I, nº 33 - Campina Grande, 10  
de novembro de 1957 - página 04.
14. IDEM, nº 56 - Campina Grande, 10.12.57 - página 7.
15. IDEM, Ano II, nº 321 - Campina Grande, 07.11.58 - pági-  
na 7.
16. IDEM, 5º caderno - Campina Grande, 02.10.59 - página 02.
17. Coletânea de autores campinenses - Edições da Comissão  
Cultural do Centenário de Campina Grande - Prefeitura Mu-  
nicipal de Campina Grande - 196 - páginas 110-136-139-  
188.

## CONCLUSÃO

Esperamos que o presente trabalho contribua para futuras análises que certamente se farão sobre A Mulher na Imprensa campinense.

Temos consciência das restrições do trabalho, por não possuímos uma cobertura completa, em termos de material para pesquisa sobre o tema analisado, visto que, nos limitamos, além da Bibliografia Geral, ao acervo do Museu Histórico de Campina Grande, que embora seja um tanto expressivo, é ainda bastante incompleto; daí a lacuna de alguns jornais pesquisados.

A Paraíba, e Campina Grande de forma particular, se encontrando na posição de satélites do centro sul, só vem desenvolver-se em termos de comunicações, a partir deste século, em decorrência das necessidades de exportação de seus produtos agrícolas, principalmente, o algodão. Assim sendo, a imprensa só surgiu em Campina Grande, no final do século passado, quando do movimento republicano e só se proliferou, com a instalação da Estrada de Ferro que liga Campina Grande a Recife, a partir de 1907.

Sendo a estruturação da economia brasileira, agrário exportadora, o caráter da sociedade conservadora e patriarcal, e o poder político marcado pelo mandonismo local e por relações clientelísticas, a imprensa é impregnada, também pelo conservadorismo. Nos momentos que tenta se impor, indo de encontro à ordem política e social vigente, com exceção dos movimentos sociais de grande cunho, a imprensa é sempre pressionada pelos que detém o poder e acaba sem condições de resistência.

Diante deste quadro econômico, político e social, a mulher é tratada sob um prisma conservador e machista, apenas

como esposa e mãe, não sendo preocupação da imprensa, tratar de forma direta os problemas por ela enfrentados, como: a dupla jornada de trabalho, a inferiorização do seu salário face ao do homem, etc. Não se chega a colocar sequer a sua participação efetiva no mercado de trabalho. É portanto totalmente restrito o discurso da Imprensa com relação à Mulher.

Em se tratando de mulher como colaboradora direta da imprensa, é nítida a sua participação como poetisa e charadista de cunho romântico-literário, apesar de um tanto efêmera. Não se pode negar porém que, embora com raridade, a mulher participou da imprensa, também, assumindo uma postura crítica e política, como é o caso de Iracema Marinho, exemplo concreto de uma visão social e política avançada com relação ao todo encontrado e até chocante para o momento. Por sua posição a favor dos oprimidos e, acima de tudo, pela valorização dada à mulher, embora de forma sarcástica e irônica, através de sua posição e colaboração na Imprensa, enquanto tal.

## BIBLIOGRAFIA

1. ALMANAQUE DE CAMPINA GRANDE - 1933 - Ano II - Campina Grande, 1932.
2. \_\_\_\_\_ - 1934 - Ano III - Campina Grande, 1933.
3. ALMEIDA, Elpídio - História de Campina Grande. João Pessoa - Edição Universitária - UFPB 1979.
4. ARAÚJO, Fátima - História e Ideologia da Imprensa na Paraíba - João Pessoa, 1983.
5. \_\_\_\_\_ - Paraíba Imprensa e Vida - João Pessoa 1986.
6. ARAÚJO, Martha Lúcia Ribeiro - Campina Grande - Poder local e mudança nacional (1945-1964) - Campina Grande, 1985. *tese Mercado de SOC. R. mimeo*
7. BARBOSA, João Batista - Santa Cruz e o Jornal do Povo. Gráfica Santa Marta - João Pessoa, 1985.
8. CAMARA, Epaminondas - Datas campinenses - Departamento de publicidade - João Pessoa, 1947.
9. CARVALHO, Tancredo de - Memória de um Brejeiro - Interplan - João Pessoa, 1975.
10. COLETANEA DE AUTORES CAMPINENSES - Edições da Comissão cultural do centenário - Prefeitura Municipal de Campina Grande - Campina Grande, 1964.
11. JOFFILY, José \_\_\_\_\_ - Entre <sup>A</sup> Monarquia e República - Idéias e lutas de Irineu Jóffily - Livra-

ria Rosmos Editora - Rio de Janeiro, 1982.

12. MARTINS, Eduardo - A Tipografia do Beco da Misericórdia. Apontamentos Históricos - Governo do Estado da Paraíba - Secretaria da Educação e Cultura, 1978.
13. RIBEIRO, Hortêncio - Vultos e Fatos, João Pessoa, 1979.
14. SAFFIOTI, Heleieht Iara Bongiovani - A mulher na Sociedade de classes: Mito e Realidade - Editora Vozes, 2ª Edição - Petrópolis-RJ, 1979.
15. \_\_\_\_\_ - Do artesanal ao Industrial: A exploração da Mulher - Editora Hucitec - São Paulo, 1981.
16. SODRÉ, Nelson Werneck - História da Imprensa no Brasil, 2ª edição - Editora Graal - Rio de Janeiro, 1971.
17. SILVA, Eliete de Queiroz Gurjão - O Poder Oligárquico na Paraíba: Descontinuidade e Recriação (1889-1945), Vol II Campina Grande, 1985. *Tese, Mes. Trabalho em SOG L. Mineo*

#### ARTIGOS

1. CAMILO, Josemir - Da Importância de Ser DB - Diário da Borborema - Campina Grande, 02.10.85 - página 4.
2. \_\_\_\_\_ - História da Imprensa - Jornal da Paraíba - Campina Grande, 14.11.86 - página 2
3. \_\_\_\_\_ - Um Certo Jornal, Diário - Diário da Borborema - Campina Grande, 02.10.86 - página 4.
4. \_\_\_\_\_ - A Mulher na Imprensa - Jornal da Para-

iba -Campina Grande, 28.11.86 - página 2.

5. JOFFILY, José - A Importância da Mulher na Imprensa campinense (1930-1960) (Carta aberta a Maria Lucinete) - A União - João Pessoa, 1986.
6. SOARES, Epitácio - História da Imprensa campinense - Diário da Borborema - Ano I, nº 1 - 5º caderno - página 3.

#### PERIÓDICOS

1. BRASIL NOVO - Ano I, nº 1 - 27-31-32-42-45-48-49-115-117, Campina Grande, 1931.
2. DIÁRIO DA BORBOREMA - Campina Grande, Ano I, 1957 - nº 01 ao 73 - Ano II 1958 e 1959; e Ano III 1960.
3. O CAMPINENSE - Ano I, nº 1 - Campina Grande, 1959.
4. O CLARIM - Ano XXX, nº 28-29 - Campina Grande, 1935.
5. O COMETA - Ano I, nº 2 - Campina Grande, 1956.
6. O CORREIO CAMPINENSE - Ano I, nº 1 - Campina Grande, 1949.
7. O DETETIVE - Ano I e II, nºs 3 e 52 - Campina Grande, 1951.
8. O DIÁRIO POPULAR - Ano I, nº 1 - Campina Grande, 08.04.51.
9. REVISTA ARIUS - Campina Grande, outubro de 1952; agosto de 1953 e janeiro de 1955.